

# Má qualidade do ensino expulsa aluno da escola

ROLDÃO ARRUDA

No final do texto da Constituição de 1988, no capítulo das disposições transitórias, os legisladores estipularam a seguinte tarefa para o poder público: esforçar-se para universalizar o ensino fundamental e erradicar o analfabetismo no País, no prazo de dez anos. A metade desse prazo, contado a partir da promulgação da Constituinte, esgotou-se em outubro. E o ensino brasileiro continua no mesmo ponto crítico de cinco anos atrás.

Há mais de 4 milhões de crianças de 7 a 14 anos fora da escola. O número de analfabetos, de acordo com dados do Ministério da Educação, gira em torno de 30 milhões de brasileiros — quase 20% da população total. Na Coreia e em Taiwan, países em desenvolvimento, a taxa de analfabetismo é de 7%.

O pior, porém, não é a falta de vagas para as crianças, nem o fato de milhões de brasileiros estarem condenados a viver sem condições de ler sequer um anúncio de emprego. De acordo com uma respeitável corrente de especialistas, a tragédia maior é a má qualidade do ensino oferecido nas escolas. Para eles, as escolas, que se tornaram acessíveis a 92% das crianças em idade escolar, estão fracassando em sua tarefa mais simples: ensinar a ler, escrever e contar.

**Reprovações** — O sinal visível desse fracasso é o fato de milhões de aluno serem reprovados a cada ano, caindo num estado de frustração que termina com o abandono da escola. “De tão ruim, o sistema acaba sendo um dos principais responsáveis pela evasão de alunos”, diagnostica o ex-ministro da Educação José Goldemberg.

Entre a 1ª e a 2ª séries, a re-

petência chega a 52,5% das matrículas, segundo uma pesquisa feita pelo professor Sérgio Costa Ribeiro, do Laboratório Nacional de Computação Científica, do Rio. As fugas da escola ocorrem principalmente entre a 4ª e a 5ª série, quando rapazes de 14 anos começam a sentir-se velhos demais em relação aos meninos que chegam. Seus pais também preferem colocá-los no mercado de trabalho informal.

De acordo com outro estudo, realizado a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), em 1988, verificou-se que, do total de 4 milhões de crianças fora da escola, pelo menos a metade já teve acesso a ela. Foram reprovadas e agora disputam vagas com as crianças que estão chegando, ou simplesmente desistem de estudar.

**Dez anos** — Pelas informações do atual ministro da Educação, Murílio Hingel, de cada mil crianças que entram no curso básico, apenas 45 concluem a 8ª série no prazo de oito anos. “As outras que conseguem chegar ao fim demoram dez anos ou mais”, diz ele.

O pesquisador Simon Schwartzman, do Núcleo de Pesquisa sobre o Ensino Superior (Nupes), da USP, acredita que a melhor notícia na área do ensino básico, nos últimos anos, é justamente a mudança do diagnóstico sobre os problemas. “O poder público agora deve parar de pensar que sua tarefa se resume a construir escolas, para cuidar melhor das que já existem”, afirma.

Outra boa notícia, na opinião do pesquisador, é o envolvimento das comunidades nas decisões das escolas. “Em Minas e São Paulo, essa participação está ocorrendo com relativo sucesso”, diz.